


she's escaped me once.
I won't allow it
a second time.

where's molly

a cat & mouse spin-off

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
H. D. CARLTON



"Molly Devereaux está desaparecida há mais de duas semanas e a polícia ainda está procurando pela garota que pareceu desaparecer do nada. O mundo ainda quer saber...
Onde está Molly?"

Nos meus sonhos, nunca escapei da floresta do Oregon.
A vida após a morte não é fácil de aceitar, especialmente quando ainda me sinto como um fantasma.
Agora, moro nas profundezas das montanhas de Montana – o paradigma da beleza. Mas elas também são o lar dos horrores.
Horrores que só libero à noite.
Quando meus porcos podem festejar.

É altamente recomendável ler *Haunting Adeline* e *Hunting Adeline* antes de ler *Where's Molly*.

Nota importante: Este é um dark romance que contém um assunto sombrio.

Disponibilidade:

Jason

Tradutora:

Federicoi

Revisora Inicial:

Thay

Revisora Final:

A. J

Leitura Final:

Jason

Diagramação:

Federicoi



ALT

@Plequina's Legacy Traduções

Para Sam, Kristie e Samantha,

*Por sentar comigo naquele restaurante e falar sobre canibalismo
até a história de Molly nascer.*

PLAYLIST

Gabrielle Current - B&W

Underoath - Another Life

Little Oceans - Peace

Story of the Year - A Part of Me

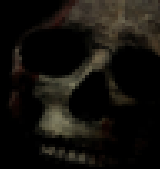
Yung'cid&Maxx Xero - Endless Nightmare

Colorblind - Ghosts

The Used - Mosh'n Church?

Ellery Bonham - Sway

Amy Stroup - In the Shadows



W
H
E
R
E
S

M
O
D
E
L
S

NOTA IMPORTANTE

Este é um dark romance que inclui gatilhos como assassinato, violência, linguagem gráfica, situações sexuais gráficas, agressão e estupro infantil (não retratado), relações tóxicas entre os personagens principais, abuso e negligência infantil, pensamentos e ideias suicidas, tráfico humano, uso de drogas e álcool e animais alimentados com coisa suspeita (eles não são abusados, eu prometo).

Este livro também inclui fetiches como mordidas, asfixiofilia, blood play¹ e degradação.

Proceda com cautela e priorize sua saúde mental.

— H. D. CARLTON

¹ Blood play (em tradução livre, jogo de sangue) é o termo usado para nomear o fetiche sexual por incluir sangue nas práticas sexuais.



PROLOGO

MOLLY

Presente - 2022...

O barulho alto de dentes contundentes mordendo ossos é uma canção de ninar com a qual eu poderia adormecer pelo resto da vida.

Franzo meu nariz.

O som desagradável de lábios batendo que se segue não é.

— Posso te ensinar a me respeitar, mas, aparentemente, aprender boas maneiras é pedir demais. – murmuro, com meu lábio superior se curvando em desgosto quando a baba de sangue respinga na lona de plástico diante das minhas botas desgastadas.

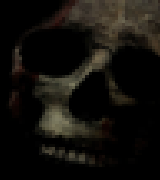
Nojento.

Estou em meu celeiro, agachada do lado de fora de seus cercados, mantendo distância enquanto os cinco porcos enormes comem seu jantar. Eles podem facilmente me agarrar através da cerca se eu me atrever a chegar perto o suficiente, e esse não é um ataque ao qual provavelmente sobreviverei. Eles são incrivelmente fortes e, se eu conseguir escapar, com certeza vou perder alguns membros.

Isso me faz pensar por que o mundo tem tanto medo de um apocalipse zumbi, quando já estamos cercados por animais mais do

W
H
E
R
E
S

M
O
L
L
Y



que capazes de nos despedaçar e devorar até o último pedaço de nossa carne e ossos.

Temos sorte de eles ainda não terem descoberto isso. Ou melhor, ainda não descobriram como escapar das prisões em que os colocamos.

Quando terminam, eles farejam ansiosamente o feno, em busca do próximo pedaço.

— Último. – eu os aviso, como se eles pudessem me entender.

Infelizmente, eles são os únicos com quem posso conversar na maioria dos dias. Minha interação humana é limitada e esta fazenda de porcos fica terrivelmente solitária. Mas é algo que escolhi para mim.

E eu não me arrependo, porra.

Jogo o resto da perna aos pés deles, observando-os dilacerar o membro decepado para valer. Tendões, músculos e veias se desintegram em questão de segundos, seguido por aquela *crocância* inigualável.

Nesse momento, meu celular no bolso de trás vibra. Suspirando, deslizo-o e respondo sem me preocupar em ver quem é. Eu já sei.

— Está terminado? – A voz feminina pergunta sem emoção. Ela tem me ligado nos últimos quatro anos e ainda não sei o nome dela.

— Sim. – eu respondo. — Eles comeram o que restava dele.

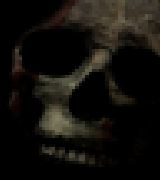
— Ótimo. Entraremos em contato com você quando o próximo sujeito chegar.

O celular fica mudo antes que eu possa responder. Não que tivesse me incomodado em fazer isso - essa sempre foi a extensão de nossas conversas.

Minha interação humana é muito limitada.

W
H
E
R
E
S

M
O
D
E
L
S



Principalmente porque é isso que meus animais de estimação gostam de comer no jantar.

— Obrigada, Petunia. – digo para mim mesma. Cada vez que ela desliga, dou-lhe um novo nome. Um dia, tenho certeza de que terei adivinhado seu nome verdadeiro corretamente pelo menos uma vez, embora nunca venha a saber.

Tenho a sensação de que não é Petunia, mas coisas mais malucas aconteceram.

Verifico novamente se o resto do homem que dei aos porcos está completamente consumido, e então começo o tedioso processo de limpar seus cercados, minha mesa e as ferramentas, além de queimar seus cabelos e roupas e espalhar seus dentes pulverizados na montanha atrás da minha casa. Garantindo que todos os vestígios de Carl Forthright tenham desaparecido.

Aquele que já foi estuprador e traficante de crianças agora é merda de porco.

Tão poético.

— Vocês têm sorte, que eu amo vocês, idiotas, porque são *bagunceiros* pra caralho. – eu reclamo para os porcos bufando, franzindo o nariz quando vejo um pedaço de carne no chão do lado de fora do cercado.

Eles são um pé no saco na maioria dos dias, mas eu não os trocaria por nada no mundo.

Eles me mantêm sã.

E o diabo sabe que isso está por um fio.

W
H
e
R
e
S

M
O
O
L
I
V

CAPI TULO 01

MOLLY

Quinze anos atrás...

20 de Outubro de 2007

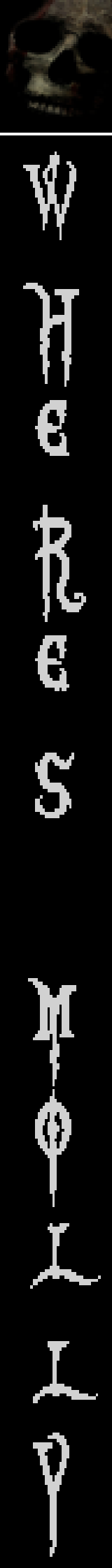
— Vou ao posto de gasolina pegar algumas coisas para Layla. — digo ao meu pai enquanto franzo a testa para a bagunça na sala de estar.

Cinco latas de cerveja vazias e amassadas estão espalhadas na quina da mesa, junto com sacos de batatas fritas vazios e caídos com a tampa aberta.

Meu pai está olhando ansiosamente pelas cortinas esfarrapadas, sem camisa, com a barriga saliente sobre a calça jeans. Seu cabelo grisalho está ficando careca e, apesar da barriga, ele é um velho alto e esbelto, com mandíbula definida, sobrancelhas constantemente franzidas e rugas cobrindo cada centímetro de seu rosto.

— Não, eu preciso de você aqui. Você esteve fora o dia todo. — ele se descontrola, mal me olhando.

Já passa das oito e meia da noite e fui garçõnete na lanchonete o dia todo. Estou exausta, mas, pelo que parece ser a milionésima vez,





ela está sem fraldas e ninguém mencionou isso. Vou fazer vinte anos amanhã, mas terei que pegar outro turno, agora que estou gastando o dinheiro da gorjeta de hoje com Layla.

— Ela precisa trocar a fralda, e não tem mais. – argumento.

Ele resmunga, deixando a cortina cair enquanto me encara.

— Ela não é da sua conta.

Mas ela é.

Ela com certeza não é da conta *dele*, mesmo sendo filha dele. Papai coça o braço, com marcas manchando sua pele. Mais uma vez, ele olha para as cortinas, como se estivesse esperando alguém aparecer. Provavelmente um de seus amigos assustadores, que certamente chegará com uma mochila cheia de drogas, apesar de ele ter me feito comprar algumas para ele ontem.

— Não vou demorar mais do que vinte minutos. – eu racionalizo.

— Eu só preciso de fraldas e fórmula.

A ansiedade aumenta em meu peito quando Layla começa a chorar lá de cima. Acabei de deitá-la e esperava que ela continuasse dormindo até eu voltar. Ela tem estado agitada há uma semana. Bem quando seus olhos se fecham e acho que ela finalmente está dormindo, eles se abrem novamente e ela solta um choro melancólico que arranca meu coração.

— Deixe-me acalmar Layla primeiro, e eu irei...

— Não. – ele manda. — Se você vai ir, então vá agora. Não tenho a noite toda, porra.

— Tudo bem. – murmuro.

W
H
E
R
E
S

M
O
O
L
I
V



W
H
E
R
E
S

M
O
O
N
I
D

Minha irmã de quatro meses agora está gritando a plenos pulmões, enquanto nossa mãe está desmaiada no sofá, com a boca aberta e a baba escorrendo pelo queixo enquanto ela ronca suavemente.

Uma agulha usada está na mesa de centro à sua frente, com uma gota de sangue ainda manchando a ponta.

Ela não vai acordar, o que significa que Layla vai chorar enquanto eu estiver fora.

Suspirando, vou em direção à porta, parando brevemente quando ouço meu pai gritar: — E pegue um maço de cigarros e outro engradado de seis cervejas!

Não me preocupo em responder, não que ele espere uma resposta. Ele sabe que farei o que diz. Do contrário, terei que investir em outro frasco de corretivo. O que tenho está quase vazio.

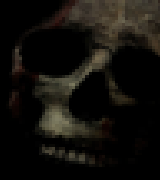
O som dos gritos de Layla é silenciado quando fecho a porta atrás de mim, com minha ansiedade piorando e corroendo meu estômago. Sua pobre garganta estará dolorida e tenho certeza de que sua cabeça estará doendo quando eu voltar.

Ela odeia quando a deixo sozinha, e *eu* odeio o que isso implica. Há dias em que me pergunto se é mais do que apenas um apego a mim que coloca aquele medo nos olhos dela quando me afasto.

Se papai a está machucando como me machucou...

Não sei o que farei. Exceto que quando eu terminar, estarei coberta de sangue.

Minhas mãos tremem enquanto ando rapidamente até o posto de gasolina, alguns quarteirões adiante. É uma noite quente e fresca de outono em Outubro – provavelmente uma das últimas antes da aproximação do inverno.



Reaper Canyon, Montana, é cercado pela cordilheira Electric Peak e foi onde nasci e cresci. O nome assustador desta pequena cidade é adequado, considerando que é onde os sonhos de todos vão morrer. Este estado exala beleza, mas mesmo as montanhas ao longe não podem tirar a feiura do meu mundo.

Mantenho a cabeça baixa, concentrando-me no buraco na ponta do meu tênis sujo. Meus pés estão grandes demais para eles agora, mas ainda não tive dinheiro para comprar um novo par. Tudo isso vai para Layla ou para comprar drogas para meus pais.

No meu aniversário de dezesseis anos, papai ameaçou me expulsar de casa se eu não conseguisse um emprego. Disse que eu precisava começar a trabalhar em casa, como se ir à escola, fazer todas as tarefas domésticas e conseguir as drogas para eles não fosse suficiente. Muito menos estar à disposição dele e da mamãe e chamar vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

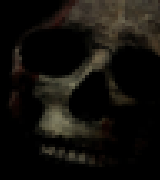
Todo o meu primeiro salário foi gasto em cigarros, cerveja e drogas. Agora, eles contam comigo para comprar nossa comida e tudo para Layla.

A campainha toca quando entro no posto de gasolina local, chamando a atenção do funcionário. Além de Layla, ele é a única pessoa neste mundo de quem realmente gosto.

— Ei, Mol. – ele cumprimenta, com um sorriso se abrindo por seu rosto, rugas de risada se formando em sua pele morena. Ele é uma das poucas pessoas que conheço que está sempre feliz. Acredito que nunca conheci esse sentimento. Talvez quando Layla sorriu para mim pela primeira vez. Mas foi passageiro. Não demorou muito para que meus pais roubassem a alegria novamente.

W
H
E
R
E
S

M
O
L
I
Y



W
H
E
R
E
S

M
O
D
E
L
S

— Oi, Mario. — respondo, acenando para ele antes de desaparecer por um dos corredores e ir direto para os geladeiras onde a cerveja é guardada.

Não tenho idade suficiente para comprar bebidas alcoólicas, mas Mario agora conhece meu pai bem o suficiente para entender que, se eu não levar para casa, aparecerei com hematomas no rosto no dia seguinte, implorando para que ele me deixe comprar. Ele tentou chamar a polícia, mas sempre fico de joelhos e imploro que não o faça. Eu não queria arriscar que Layla fosse levada pelo Conselho Tutelar e dada para adoção.

As famílias adoram adotar meninas, mas os predadores também, e não vou correr o risco. Pelo menos em casa posso protegê-la.

Assim, apesar do ódio de Mário pelos meus pais, ele arrisca a licença e vende-me o álcool, pois sabe que, de qualquer forma, não é para mim. Ele já me fez jurar que esperaria para beber até ter idade suficiente, embora tenha me dito para ficar longe do cigarro para sempre.

Eu prontamente concordei. Já vi vício em minha mãe, que, a certa altura, foi a oradora da turma e teve acesso integral à faculdade. Mas então ela conheceu meu pai, e todos aqueles sonhos e aspirações não pareciam ter tanta importância quando sentia a euforia correndo em suas veias.

Pego a cerveja favorita do papai, as fraldas e a fórmula para Layla, além de alguns pacotes de miojo para os próximos dias.

Deixando cair os itens no balcão, tiro meu dinheiro enquanto Mario se vira para pegar um maço de cigarros atrás dele. O favorito do papai.

— Como você está esta noite, querida? — ele me pergunta, clicando no teclado para passar tudo.

Eu suspiro. — O mesmo, o mesmo.

— Papai ainda está lhe causando problemas?

Dou-lhe um olhar firme. — Sempre. Vou passar meu aniversário no restaurante amanhã. Era para eu ter o dia de folga, mas não recebi boas gorjetas hoje e, bem... — eu balanço o mísero maço de dinheiro. — Tudo acabou agora de qualquer maneira.

Mario me dá um olhar nada impressionado. — O que está impedindo você de tirar Layla deles?

A vergonha me impede de encontrar seus olhos.

Esta não é a primeira vez que ele pergunta, mas todas as desculpas que inventei fracassam. Porque a verdade condena e, por mais que eu goste de Mario, e se não puder confiar nele?

Quando volto a me concentrar nele, meu coração aperta. Seu olhar é suave e ele irradia preocupação genuína. Sinto minha determinação fraquejar.

— Por favor, Mol, você pode me dizer qualquer coisa.

Suspiro e a última das minhas reservas desmorona aos seus pés.

— Meus pais têm provas de que eu comprei drogas — as drogas *deles* — mas isso não importa. Parece ruim. Eles sabem que eu a quero e ameaçaram mostrar isso ao tribunal se eu tentar obter a custódia. Papai tem fotos e vídeos que eu nem sabia que ele estava fazendo, mas ele me mostrou antes de escondê-los. E se eu simplesmente levá-la... estarei sequestrando-a. Sou legalmente maior de idade, mas no momento em que descobri que minha mãe estava grávida, me senti confortável na minha prisão. Não posso deixá-la, Mário.

W

H
e

R
e

S

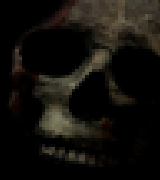
M

O

L

I

V



W
H
E
R
E
S

M
O
L
L
Y

Meu amigo balança a cabeça, com um desgosto total emanando de seus olhos castanhos. — Eles estão doentes. Doentes, pessoas doentes. E estão chantageando você! Talvez um advogado...

— Advogados custam dinheiro, Mario. Dinheiro que *não* tenho. Tudo isso vai para eles, e eu... — Não encontro palavras, o desamparo cria raízes. Exalando com força, termino com as únicas palavras que importam: — Estou presa.

Lágrimas ardem no fundo dos meus olhos enquanto Mario me encara com fúria. Fúria *por* mim, eu sei. Mas a raiva dele não mudará minha situação.

Eu nem sei como.

— Você não tem outra família? — ele questiona, a esperança em suas palavras é frágil.

Franzindo a testa, balanço a cabeça. Pelo que sei, meus pais são filhos únicos e seus pais estão mortos ou separados.

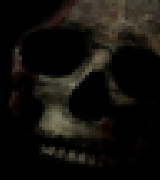
Não tenho ninguém além de Layla.

— Posso perguntar à minha esposa e ver se você pode ficar conosco...

Estou balançando a cabeça antes que ele possa terminar. — Meus pais não me deixam levar Layla e não posso deixá-la sozinha.

— Molly, *por favor*, deixe-me ajudá-la. — implora Mario. — Podemos descobrir alguma coisa.

— Preciso de tempo. — respondo, e ele entristece. A culpa aumenta e apenas consolida minha impotência. — Apenas... eu vou descobrir isso eventualmente, ok? Ela é tão jovem agora, então só preciso ter certeza de que farei isso da maneira certa.



W
H
E
R
E
S

M
O
D
E
L
S

Ele balança a cabeça, cedendo, embora seus movimentos rígidos traíam seus verdadeiros sentimentos. Mas, assim como eu, ele está impotente.

Mesmo se eu denunciar meus pais, eles certamente me denunciarão com eles.

— Então pelo menos deixe-me pagar pelas coisas de Layla, certo? Enquanto isso, ajudarei você a conseguir tudo o que ela precisar. Mas não pense que não vou encontrar uma saída para você, garotinha. — ele me diz com severidade. — Nunca ficarei de braços cruzados enquanto você sofre.

Lágrimas surgem em meus olhos e estou muito sobrecarregada pela gratidão para agradecê-lo adequadamente.

Eventualmente, eu deixo escapar: — Obrigada. Mesmo que não tenha outra família, pelo menos tenho você.

Seus ombros caem, embora a convicção em seu tom seja forte. — Você tem, querida. Para qualquer coisa.

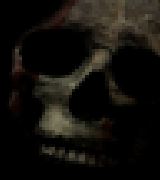
Sorrio suavemente, mesmo que seja difícil de sentir. Mas sou eternamente grata por ele, especialmente porque ele é a única pessoa que foi gentil comigo.

A campainha toca, e olho para os recém-chegados entrando. Rapidamente, olho duas vezes, com um franzido marcando meu rosto.

É meu pai, junto com um homem que não reconheço. Eu teria pensado que eram dois estranhos que entraram ao mesmo tempo se não fosse por estarem no meio de uma conversa baixa, com as suas palavras parando quando finalmente me avistaram.

Meu coração aperta.

— O que você está fazendo aqui? Estou pegando suas coisas... — pergunto, parando de nervosismo quando percebo que o outro homem



está olhando para mim com uma expressão que não consigo descrever. É um olhar que não *quero* decifrar, pois imediatamente deixa os cabelos da minha nuca em pé.

Ele é baixo e atarracado, com cabelo aparado e queixo quadrado e marcante. Sua pele pálida está coberta de tatuagens horríveis, e há um brilho frio em seus olhos castanhos.

Papai vem em minha direção, gesticulando para que eu me afaste. — Vou tirar isso de suas mãos. Você é muito jovem para comprar álcool de qualquer maneira. Por que você não vem aqui com meu amigo e espera por mim até eu terminar? — ele ordena rispidamente.

Minha boca cai, confusa e cada vez mais desconfiada.

Meu pai *nunca* veio tirar nada "das minhas mãos". O que significa que há uma razão para ele estar aqui, e aquele homem aterrorizante tem algo a ver com isso.

Como diabos vou a qualquer lugar com ele.

— Está tudo bem, eu cuido disso...

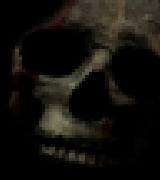
— Vá. — ele ordena. — *Agora.*

Minha coluna se endireita. Não é a aspereza em sua voz que me deixa no limite, mas sim, a urgência.

Perplexa, olho para Mario e o encontro a um passo de rosnar para meu pai. Ele está olhando para os dois homens com desconfiança e raiva que ardem mais quente que o submundo sob nossos pés. Mas o que ele pode fazer? Se ele chama a polícia e me acusa de tentar comprar cerveja só para me afastar deles, eu ainda acabaria indo para casa com meu pai mais tarde, e Mario poderia ter sua licença revogada se descobrissem que foi vendido para mim antes. E se ele alegar que papai é uma ameaça para mim, isso só vai me separar de Layla.

W
H
E
R
E
S

M
O
D
E
L
S



Eu poderia fugir... Mas para onde eu iria? Não podia deixar minha irmã de quatro meses sozinha, nem tinha lugar seguro para levá-la.

Minha mente está girando em diferentes cenários, mas sempre chego à mesma conclusão. Estou impotente.

— Na verdade, estou precisando de ajuda neste lugar. Por que ela não fica aqui comigo e eu pago...

— Você tem olhos para minha filha ou algo assim, amigo? Por que você não cuida da sua vida, hein? – Papai se irrita, olhando para Mario.

— Está tudo bem. – sussurro, olhando nervosamente para o homem estranho. Ele ainda está olhando para mim, causando um arrepio na minha espinha. Quem quer que ele seja, ele é o ceifador, e onde quer que ele me leve, não irei a lugar nenhum, a não ser para baixo.

— Vá com ele, Molly. Não vou te falar de novo. – Papai ordena.

Tentando engolir, hesitantemente me afasto do balcão. Dando a Mario uma última olhada, abaixo o queixo e ando em direção ao homem, com a adrenalina liberando em minhas veias com uma intensidade que nunca senti antes.

Minha pulsação está acelerando em meus ouvidos e estou começando a sentir náuseas.

Um sorriso malicioso surge em um lado dos lábios do estranho, e meu estômago se enche de ácido, com a bile provocando o fundo da minha garganta.

— Seu pai e eu somos bons amigos, não se preocupe. – ele garante, sorrindo ainda mais, como se isso fosse aliviar meu nervosismo.

W
H
E
R
E
S

M
O
L
L
Y



Parece que há cola na sola dos meus pés, dificultando cada passo enquanto nos dirigimos para a porta.

Eu não posso fazer isso. Não posso deixar esse homem me levar tão facilmente. Aonde quer que eu vá, não irei sem lutar.

Vou levar Layla e encontrar um lugar para irmos. Porque onde quer que seja, isso *tem* que ser melhor do que onde estamos agora. Mesmo que eu seja uma fugitiva procurada por sequestro, vou encontrar uma maneira de sobrevivermos.

Assim que o homem abre a porta e a campainha toca, saio pelo corredor à minha direita.

— Ei! — Papai grita, fazendo seu amigo se virar. Ele não perde tempo correndo atrás de mim, fazendo meu coração pular na garganta.

Instintivamente, pego alguns itens das prateleiras e os jogo no chão atrás de mim. Sacos de batatas fritas, barras de granola e outros alimentos espalhados pelo ladrilho sujo, mas isso não o detém. Ele pula sobre eles, com seu dedo deslizando em meu ombro enquanto viro um corredor, apenas para encontrar meu pai parado bem ali. Grito, quase batendo diretamente em seu peito.

Seus braços se erguem para me envolver, então me abaixo, mal conseguindo evitá-los. Eu simplesmente consigo passar por ele, ouvindo seus palavrões murmurados atrás de mim.

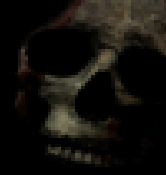
— Maldição, sua vadia! — Papai grita.

Com o coração batendo violentamente contra minhas costelas, corro por outro corredor, vendo Mario aparecer. Ele está segurando um taco de beisebol enquanto fala freneticamente ao telefone com pessoas que presumo serem policiais.

— Venha depressa! — Mario grita ao telefone.

W
H
E
R
E
S

M
O
D
E
L
S



Eu envio mais itens voando para o chão. Desta vez são garrafas de refrigerante, todas quicando no chão, fazendo com que algumas delas se abram ou explodam completamente.

Rapidamente, olho por cima do ombro no momento em que os dois homens param antes de caírem. Vejo o olhar demoníaco no rosto de meu pai. E sei que seja o que for que tenham planeado para mim, fará com que a minha vida familiar pareça a Candy Land.

Eles se separaram, papai indo em uma direção e o homem correndo para o corredor oposto. Eles vão me pegar.

O pânico invade meus sentidos e tento voltar atrás e passar por cima de uma das prateleiras. O homem vira o corredor e avança em minha direção.

Estou determinada a continuar, até vê-lo enfiar a mão na parte de trás da calça jeans pela minha visão periférica, seguido por um som distinto.

Paraliso, pendurada até a metade na prateleira com gelo correndo pelas veias, depois espio por cima do ombro.

Mario está agora olhando para o cano de uma arma, com o rosto imóvel de terror enquanto o homem a segura com firmeza. Seu rosto está contorcido de raiva enquanto ele ofega alto.

— Vou atirar nele, porra. Você realmente quer essa morte em suas mãos, garotinha? – O homem murmura.

Uma expressão estrondosa está no rosto do meu pai enquanto ele caminha em minha direção, apontando para a porta dos fundos rotulada apenas para funcionários.

— Vamos. Agora mesmo, porra!

Não tenho escolha a não ser ouvir.

W

H

e

R

M

O

L

I

V

Não há mais fuga.

Tive uma oportunidade, mas não consegui chegar à saída a tempo. E por mais tentada que esteja a continuar lutando, não arriscarei a vida de Mario.

Ofegante e com lágrimas turvando minha visão, desço da prateleira e vou em direção à porta. Ao passar por Mario, aceno, sussurrando a palavra: — Tchau. – Antes de ir em direção à porta.

Respirando fundo, cruzo o almoxarifado e saio pela saída dos fundos. Sigo o homem pelo beco, com o meu pai respirando em meu pescoço enquanto caminhamos. Lá, estou cercada por mais três homens.

Não há chance de gritar. Não enquanto agarram meus bíceps, colocam um pano na minha boca e me arrastam para sua van preta.

Acabou para mim. Nunca mais verei Layla.

Pior ainda, ela nunca mais me verá - a única pessoa que cuidou dela - que a manteve *segura*.

A única pergunta que tenho é: o destino dela será pior ou o meu?

W

H
e

R
e

S

M

O

L

I

V

CAPITULO 02

MOLLY

Quatorze anos atrás...

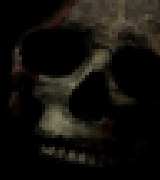
18 de Junho de 2008

Li a última palavra que escrevi na página antes de fechar o diário. É um diário que tenho escrito secretamente nas últimas semanas. Tem sido minha única forma de libertação, mas me recuso a levá-lo comigo, mesmo que tenha sido a única coisa que manteve minha sanidade detonante intacta. É a única saída que tenho para minha raiva reprimida.

E pode queimar com o resto desta casa, eu não me importo.

Espero em Deus que outra garota nunca encontre este diário. Isso significaria que ela me substituiu, e ninguém – *ninguém* – deveria experimentar os horrores desta casa. Ninguém inocente, pelo menos. Eu não me importaria se Francesca, Rocco ou qualquer um de seus amigos experimentasse o próprio veneno um dia. É o mínimo que eles merecem.

Meu coração partido está batendo forte contra meu peito, com os pedaços irregulares cortando o interior a cada batida. No entanto, a



adrenalina que corre em minhas veias silencia a dor. A única coisa que consigo sentir é determinação e fúria. Muita fúria, porra.

Não estou esperando mais. *Não posso.*

Francesca tem algo planejado para nós em dois dias e, embora eu suspeite que seremos leiloadas, ela nunca disse.

Tudo o que sei é... que não posso estar aqui quando isso acontecer.

Mais um dia neste inferno e vou enlouquecer. Mais um dia sem Layla, e matarei qualquer um que for preciso, mesmo que isso acabe em minha própria morte. De qualquer forma, será apenas o meu corpo que morrerá. Eles já destruíram minha alma, e tudo o que resta é uma casa vazia que viu tantas tragédias quanto aquela da qual estou planejando escapar esta noite.

Minha pulsação bate forte em meus ouvidos enquanto levanto silenciosamente da cama e vou na ponta dos pés até o buraco sob o piso. Quando cheguei aqui, percebi que a ripa estava solta e, depois de uma semana de esforço, finalmente consegui retirá-lo. Era apenas um buraco sujo, mas agora é o lar de todos os meus segredos e sofrimentos.

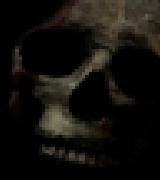
Com as mãos trêmulas, coloquei o diário dentro, deixando cair descuidadamente a caneta depois dele. Então, deslizo a ripa de madeira de volta no lugar.

Não há relógio aqui, mas Rocco e seus amigos se acalmaram completamente, o que significa que provavelmente desmaiaram. De acordo com Francesca e suas reclamações constantes, isso normalmente acontece por volta das duas ou três da manhã, todas as noites.

Estou me preparando para isso há *meses*.

W
H
E
R
E
S

M
O
D
E
L
S



E agora que finalmente chegou, estou com medo de ter perdido alguma coisa. Um pequeno detalhe que não planejei quando não fiz nada *além* de planejar.

A única coisa que me separa da liberdade são essas paredes finas e quilômetros e quilômetros de floresta.

Isso e o segurança que está do lado de fora da casa. Fiquei acordada várias noites do anoitecer ao amanhecer para observá-lo, abrindo mão de um sono precioso para aprender seus horários e hábitos. O que muitas vezes me levava a ter problemas por adormecer durante as aulas. Embora Francesca já esteja cansada da minha desobediência há muito tempo, ela também não vai se livrar de mim.

Sou uma das quatro que sobreviveram ao Culling – um jogo doentio que um grupo de pedófilos e estupradores criou por esporte. O objetivo é nos colocar em um bosque cheio de armadilhas, onde nos caçarão com bestas. Se nós formos atacadas, seremos punidas. Se vencermos e escaparmos delas, seremos consideradas carne de qualidade superior e depois colocadas em leilão.

É um insulto nos sequestrar apenas para nos fazer provar que somos dignas de sermos sequestradas.

Não faz nenhum sentido e só foi criado para que os ricos entediados possam ficar menos entediados.

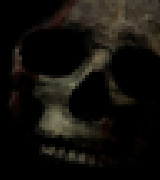
Eles nunca terão a maldita chance.

Repirando fundo, eu rastejo em direção à porta do meu quarto. Os grilos cantam alto do lado de fora da minha janela, como se estivessem torcendo por mim. Torcendo por uma fuga precária. Uma que provavelmente me matará.

Mas prefiro morrer rebelando-me do que morrer submetendo-me.

W
H
E
R
E
S

M
O
R
T
I
V



O suor se forma em minha testa enquanto giro lentamente a maçaneta enferrujada, me encolhendo quando ela range. Juro por Deus, esta casa foi construída quando os dinossauros vagavam e é mais suja do que os pecados de Francesca.

As dobradiças rangem, mas isso não me impede de abrir a porta.

Há outras três meninas dormindo em seus respectivos quartos. Há uma chance de que, se uma delas me ver, alertem Francesca. Mas há muito que aceitei que matarei qualquer um que se interponha no meu caminho.

Ninguém vai me afastar de Layla.

Meu coração dispara, ganhando impulso e batendo contra o interior do meu peito enquanto me esgueiro pelo longo corredor. Além do meu próprio pulso, está um silêncio mortal. E porra, isso é assustador.

Sempre pareceu assombrado aqui, mas eu estava convencida de que era pelos vivos. Agora, não tenho tanta certeza. Ou talvez a nossa tristeza seja potente, mesmo nos nossos sonhos.

Mordo o lábio, prendendo a respiração enquanto desço os degraus, evitando cada ponto vulnerável na madeira que range. A primeira coisa que atrai meus olhos são os números de néon verde aparecendo no fogão.

2h30. *Perfeito.*

O luar entra pela janela da cozinha, mas não me preocupo com nada aqui. Aprendi a passar dias sem comida e água. Mas não pretendo me privar por muito tempo, já que tenho certeza de que há uma cidade próxima.

O ajudante favorito de Francesca, Rio, faz idas semanais ao supermercado, só sai por algumas horas antes de retornar, e certamente

W
H
E
R
E
S

M
O
D
E
L
S



não compram a granel. Tem que haver um lugar para onde eu possa fugir e pedir ajuda.

Espio a sala e encontro vários homens deitados no sofá e no chão. Cinco deles. Todos roncando e certamente drogados, com as veias tão entupidas de produtos químicos quanto a poeira nas saídas de ar. Seus órgãos provavelmente também estão flutuando em um oceano de álcool, eliminando as toxinas.

Preferiria que um terremoto os embalasse ainda mais, para qualquer terra depravada em que vagaram, do que acordá-los. Eu me pergunto, quando os pedófilos sonham em se casar com mulheres da sua idade ou em levar um idoso para o outro lado da rua, por bondade, eles chamam isso de pesadelos? Acordam suando frio e com um aperto no estômago?

Certamente, eles não consideram *agradáveis* os sonhos com cachorrinhos fofos e arco-íris.

Independentemente disso, são a menor das minhas preocupações enquanto me esgueiro pela sala escura, passando por cima de membros perdidos e latas de cerveja vazias e esmagadas.

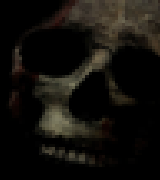
É o segurança do lado de fora da casa que me dá um rastro de suor escorrendo pela minha espinha.

Ele serviria melhor como uma pedra na Hoover Dam, considerando o quanto ossificados são os músculos ao redor de seus ossos. Todas aquelas pessoas que construíram isso morreram por nada quando tudo que esse idiota precisava fazer era ficar *ali parado*.

Mas se ele seguir a rotina que seguiu nos últimos três meses, então deveria estar segurando o pau em algum lugar na floresta, fazendo uma pausa para urinar. Normalmente, ele combina isso com uma pausa para fumar, usando isso como uma desculpa para passear e aliviar-se de ficar na mesma posição por horas a fio.

W
H
E
R
E
S

M
O
D
E
L
S



Talvez ele não se saísse tão bem na represa.

Prendendo a respiração, agarro a maçaneta com a palma da mão trêmula e suada e abro a porta, com as dobradiças enferrujadas ecoando.

Estremecendo, espio por cima do ombro, rapidamente garantindo que os homens atrás de mim ainda estejam inconscientes, depois saio pela porta.

Apenas para bater diretamente em um peito duro.

— Aonde você vai, dona?

Esperança, euforia, liberdade... eles desaparecem como fogos de artifício úmidos. Meu lábio inferior treme quando levanto o olhar.

Rio.

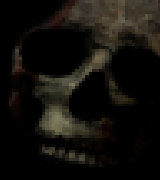
Ele não deveria estar de plantão esta noite.

Ele é alto e sua pele morena clara está coberta de tatuagens. Seu cabelo está penteado rente ao couro cabeludo, acentuando um queixo marcante e lábios carnudos. É certo que ele é incrivelmente enigmático e o único homem nesta casa que não nos faz recuar de medo.

Ele nunca se interessou por nenhuma de nós.

Francesca o trouxe há alguns meses, logo após seu aniversário de dezenove anos, e pouco depois de ele chegar de Porto Rico. Ela brincou que não se sentia tão mal por contratar um garoto quando ele já tinha idade suficiente para foder. Não creio que aquela mulher vil seja capaz de sentir vergonha ou culpa, nem finge ser quando o chama para seu quarto à noite.

Assim como os nossos, seus olhos são assombrados. E, ao contrário dos outros homens, ele não olha maliciosamente para as



meninas nem sorri quando somos estupradas. Na verdade, ele parece completamente mal quando isso acontece.

Seu trabalho é captação – um nome chique e idiota para um raptor. Eles fornecem a ele a foto de uma linda jovem, seu nome e sua localização; seu único trabalho é atraí-la para seu carro e trazê-la de volta. A maioria delas são profissionais do sexo. Fácil de entrar em um carro e poucas pessoas vão procurá-las quando desaparecem.

No entanto, eles têm tido problemas com ele deixando garotas alvo escaparem por entre seus dedos. Um erro que normalmente o mataria, mas toda vez que Rocco ameaça fazer isso, Francesca o impede.

Ela está apegada e é a única razão pela qual o Rio ainda está vivo.

Abro a boca, mas a resposta fica presa na garganta. Parece muito apertada, como uma sala lotada com espectadores pressionados ombro a ombro, me impedindo de pronunciar uma palavra e dando um laço em volta do meu pescoço *e* do deles.

— Tenho a noite toda. Não sei se você tem, no entanto. – ele diz casualmente, pressionando por uma resposta.

— Sair. – grito, a única sílaba abrindo caminho através da multidão.

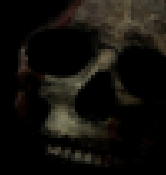
Uma coisa estúpida de se dizer, mas que desculpa eu poderia inventar? Sob nenhuma circunstância podemos sair de nossos quartos depois de dormir, muito menos da *casa*.

Estou fodida. Bem e verdadeiramente fodida.

— Sair. – ele repete sem emoção.

W
H
e
R
e
S

M
O
D
E
L
S



A adrenalina bombeia em minhas veias e o suor se acumula na base da minha coluna. Sinto vontade de vomitar em suas botas, com a náusea girando na boca do estômago.

Tento limpar a garganta, mas acabo soltando uma tosse abafada. Depois de dar um olhar nervoso por cima do ombro e depois por cima do de Rio, encontro seu olhar penetrante novamente.

Não tenho mais certeza de que os homens atrás de mim não acordarão com nossas vozes e que o segurança poderá aparecer a qualquer momento. A coisa mais inteligente a fazer é oferecer-lhe o que ele quiser em troca do seu silêncio e voltar para o meu quarto. Exceto que algo me mantém enraizada onde estou. Esperança.

A esperança é o que me mantém no lugar.

Ele deixou outras irem. Talvez ele me deixe ir também.

— Sinto muito. — sussurro. — E... eu estou morrendo.

Eu não estava pensando em dizer a última parte, mas é a verdade.

Cada segundo perdido neste lugar - sujeita a esses pesadelos - é uma batida a menos que meu coração está disposto a dar.

— Todos nós estamos, não é? — ele afirma.

Dou outro olhar nervoso por cima do ombro. Surpreendentemente, ele dá um passo para trás, me dando espaço suficiente para sair pela entrada e fechar suavemente a porta atrás de mim.

Uma pequena misericórdia, mas significa tudo para mim neste caso.

O ar quente de Junho parece um cobertor sufocante neste momento.

W

H
e

R
e

S

M

o

L

I

V



— Po... por favor. Eu farei qualquer coisa. Não vou contar a ninguém sobre este lugar. Sobre você.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Isso deveria me convencer? Você não terá a opção de contar porra nenhuma para ninguém se eu não te deixar ir, *estúpida*. E mantê-la aqui não significa nenhum risco. – ele sussurra baixinho, com seu sotaque intensificando com aborrecimento.

— Certo. Isso foi estúpido. Mas ainda é completamente o caso. Eu só... tenho uma irmã. Ela tem apenas um ano de idade e está sozinha... – eu paro, percebendo que estou dizendo a um traficante sexual que minha irmãzinha é super sequestrável.

Estúpido. *Idiota*.

A outra sobrancelha se junta à primeira no meio da testa.

— Você é péssima nisso. – ele comenta secamente.

— Ela não está completamente sozinha. – eu altero fracamente. Então, suspiro impacientemente. — Ok, tanto faz. Dizer isso não a coloca em mais perigo do que já está. Meus pais são viciados e recebem amigos que tendem a explorar a casa à noite. Acho que a única diferença entre aqui e lá é que serei capaz de matar o maldito doente que tocar nela se ela estiver comigo.

Ele sorri, mas eu não tenho ideia do que diabos ele poderia achar engraçado.

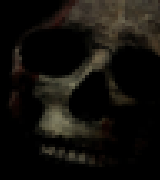
— Se você tiver sorte, conseguirá matar um antes que um deles mate você. Então sua irmã ficaria *realmente* sozinha.

Resmungo baixinho. Claro, ele está certo, mas meu objetivo era tocar seu coração, e não revelar sua lógica e raciocínio.

Inferno, eu realmente sou péssima nisso.

W
H
e
R
e
S

M
O
L
I
V



W
H
E
R
E
S

M
O
D
E
L
S

Mordo meu lábio sem piedade, tentando descobrir uma abordagem diferente. O homem pode estar fodido, mas provou ter empatia. Em algum lugar além das teias de aranha, cobras venenosas e parasitas carnívoros em sua alma há um ponto fraco. Só tenho que encontrar.

Mordendo ainda mais meu lábio, espio por cima do ombro dele novamente. Eu estou correndo contra o tempo. É um milagre que os outros ainda não tenham regressado.

— Você tem uma irmã? – pergunto.

Sua expressão não era exatamente... expressiva para começar, mas parece que seu rosto entristece de qualquer maneira. Um olhar sombrio e sinistro surge em seus olhos e suas feições ficam mais nítidas. Isso causa arrepios na minha espinha e os cabelos da minha nuca se arrepiam.

Não tenho certeza se encontrei o ponto fraco ou apenas atingi um nervo muito sensível.

O sangue no meu corpo vira gelo. Se eu não estivesse diante de uma fera antes, certamente estou agora.

— Ela está viva? – eu pressiono.

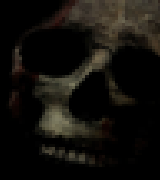
O que está me impedindo? Estou morta, de qualquer maneira.

— Sim. – ele responde. — Mas deixar você ir poderia matá-la se eles decidirem retaliar contra mim.

— Eles nunca saberão que você me viu. – eu argumento, cada vez mais desesperada. — Você nem deveria estar de plantão esta noite.

Ele considera isso por um momento e minha ansiedade aumenta.

— Olha, nós dois estamos desesperados para manter nossas irmãs seguras, certo? Não preciso ser alguém que atrapalha seu caminho, nem você precisa ser alguém para atrapalhar o meu.



Seu lábio superior se curva em um resmungo, com frustração franzindo sua testa.

Parece que uma eternidade passa antes que ele finalmente fale novamente.

— Sai da minha frente. Agora. Espero que você saiba o que está fazendo, porque não estou ajudando você, nem vou salvá-la se você for pega.

O alívio explode em meu peito, roubando meu fôlego.

— Obrigada. Não vou esquecer de você, Rio.

Não espero que responda. Com um último olhar, desço os degraus e vou em direção ao único lugar que oferece uma chance de sobrevivência aos braços hostis da floresta.

Será cruel, mas já sofri muito pior.

W
H
e
R
e
S

M
O
L
I
V

CAPIÍTULO 03

CAGE

Presente - 2022...

— Não deixe o título do trabalho te deter, cara. Ela pode ser uma criadora de porcos, mas é gostosa pra caralho. – Eli diz do outro lado da linha. — Admito, ela apareceu em algumas das minhas fantasias quando eu...

— Termine essa frase e eu sairei da maldita estrada. – resmungo, curvando os lábios em desaprovação.

Como se eu me importasse com quem o idiota se masturba. Prefiro cortar o pau dele antes de ouvi-lo falar sobre o que ele faz com ele.

— Só estou dizendo, cara. Sexy pra caralho.

— Anotado. – eu respondo sem emoção.

Também não dou a mínima para a aparência dela. A única coisa que me preocupa é deixar os dois idiotas mortos no meu porta-malas.

Eli é quem normalmente cuida das entregas, até que ele foi e levou um tiro na lateral. Agora, ele está em repouso absoluto por seis semanas e fui contratado para substituí-lo até que ele se recupere.

Pra mim não é estranho em fazer desaparecer criminosos, embora meus métodos tendam a ser muito diferentes. E menos... bagunçado.



W
H
E
R
E
S

M
O
D
I
F

— Vou avisar Legion quando o trabalho estiver concluído. Descanse e deixe seu maldito pau em paz. Não quero ficar carregando cadáveres por mais tempo do que o necessário. — resmungo e desligo o celular. A linha fica muda, finalmente me dando um pouco de paz e tranquilidade.

Sua resposta não foi importante, de qualquer maneira.

A lua me guia pela estrada de terra árida, com os faróis apagados. Embora esta criadora de porcos supostamente não tenha vizinho por quilômetros, ainda gosto de tomar precauções extras.

Meu trabalho depende da minha capacidade de cobrir minhas bases, e certamente não sacrificarei isso agora, quando há dois cadáveres apodrecendo no meu carro.

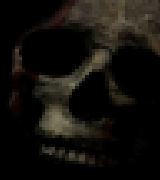
Depois de mais alguns minutos, chego a uma casa de fazenda solitária situada ao lado de um enorme celeiro, situada em mais de 40 hectares de terra. Na entrada da garagem há uma placa antiga que diz *Paladin Farm*.

O canto do meu lábio se curva quando me lembro do que significa “*paladin*”. Que nobre.

Há uma luz brilhando através de uma única janela da casa dela e um brilho suave vindo do celeiro. Caso contrário, está escuro como breu aqui, permitindo uma visão desobstruída da Via Láctea e de seus sistemas estelares.

Paro no celeiro no momento em que uma figura sombria emerge de suas profundezas. Ela fica na entrada, com as mãos nos quadris enquanto me observa me aproximar.

Legion a avisou que eu estava vindo no lugar de Eli, mas com base na postura rígida de seus ombros e no pé batendo, ela está nervosa.



Com razão.

No minuto em que saio do carro, sou recebido pela brisa fria de Março e sua voz suave e angelical.

— Você está aqui para a entrega?

Meu coração para e uma parte distinta do meu cérebro dá um alarme. Já ouvi milhares de vozes de mulheres ao longo dos anos, mas *essa voz...* juro que é familiar.

— Até onde eu sei. – respondo secamente, estreitando os olhos para vê-la melhor, e falhando.

Ela resmunga, claramente não impressionada com a minha resposta.

— Dois corpos no porta-malas. – informo.

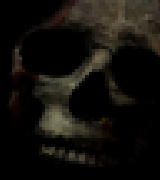
— Traga-os para dentro. – ela interrompe, antes de virar e desaparecer no celeiro.

Procuro no bolso, tiro uma embalagem de chiclete de nicotina e coloco um na boca. Então, abro o porta-malas, curvando os lábios ao sentir o cheiro repugnante que vem de dentro.

Eles já estão começando a inchar.

Carrego o primeiro corpo para o celeiro, o aroma dos porcos não é melhor. É muito maior por dentro, com chão de concreto liso. Três currais estão à minha direita, com cinco porcos grandes e gordos espalhados entre eles. Do outro lado está a mulher, de costas para mim enquanto se veste da cabeça aos pés com uma roupa de proteção amarela brilhante.

Sem olhar para trás, ela aponta para uma grande mesa de metal com uma máquina de cortar cabelo, uma grande engenhoca de metal



com alguns botões, um alicate e um Sawzall colocado em cima dela.
— Coloque-os bem ali.

Faço o que ela diz enquanto começa a colocar luvas de borracha enormes que vão até os cotovelos.

— Vou pegar o outro. – digo, olhando-a de perto.

Ela é reservada e, embora não me observe com os olhos, posso sentir que sabe exatamente onde estou, ciente de cada movimento que faço.

Uma gota de suor se forma na minha testa enquanto carrego o segundo homem, deixando-o cair na mesa ao lado do outro.

Plástico grosso e opaco cobre a parede em frente ao seu cenário, descendo até o chão e depois atravessando-o, alcançando os cercados.

Parece que ela também gosta de cobrir suas bases.

Óculos de proteção estão na área de seus olhos enquanto ela pega a máquina de cortar cabelo. Ela não olha diretamente para mim, e alguns fios de cabelo castanho escuro e encaracolados emolduram seu rosto e escondem suas feições, impedindo-me de dar uma boa olhada nela.

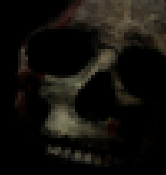
— Eu assumo daqui. – ela diz friamente.

Não respondo, muito concentrado em olhar para ela para ver se meu palpite está certo.

Ela suspira e finalmente se vira para olhar para mim, roubando o meu fôlego. Mesmo sob os grandes óculos de proteção, reconheço-a imediatamente. Não há como confundir essa maldita cicatriz.

Ela tem grandes olhos verde-esmeralda, uma lacuna abaixo da íris que sempre lhe deu um olhar naturalmente sedutor. E logo abaixo da direita há uma marca de mordida permanente, branca e ligeiramente

W
H
E
R
E
S
M
O
D
I
Y



elevada. Uma boca cheia de dentes marcados em sua pele morena. Como ela conseguiu isso, ainda não sei. Mas é evidente que não é uma história bonita.

Ela é mais velha, mas não parece muito diferente, apenas mais madura. No entanto, as sardas castanhas claras espalhadas por suas bochechas e o nariz redondo suavizam suas feições. Há nove anos, disse a mim mesmo que as contaria, mas nunca tive oportunidade de terminar.

Pretendo remediar isso.

Seus olhos se arregalam, com o reconhecimento brilhando dentro deles. Ela cambaleia para trás, deixando cair a máquina de cortar cabelo na mesa antes de esbarrar nela, evocando um som horrível das pernas de metal rangendo contra o chão. Mesmo agora, ela ainda parece uma gata assustada.

— Cage? O que você está fazendo aqui? – ela exclama, então olha ao meu redor com urgência, como se eu estivesse escondendo outra pessoa no meu rabo.

— Fazendo uma entrega. – respondo lentamente, com minha testa franzida de confusão.

— Você deveria estar morando no Alasca. Coloquei você no Alasca. – Meu tom é acusatório, mas estou furioso.

O esforço que faço para fazer as pessoas desaparecerem é tedioso pra caramba. É como um tapa na cara ter uma pessoa que matei parada bem na minha frente – *não* no Alasca.

Não é por isso que você está com raiva.

A voz intrusiva na minha cabeça pode ir se foder.

Ela olha ao redor nervosamente. — Não gostei de lá.

W

H
e

R
e

S

M

Q

L

I

V



O músculo da minha mandíbula pulsa. — O que você está fazendo aqui, Molly?

Ela recua, como se eu tivesse dado um tapa no rosto dela.

— Esse não é mais meu nome.

— Este também não deveria ser o seu estado de residência, mas aqui estamos.

Ela estreita os olhos, com o fogo liberando nas profundezas de suas íris. — Por que você se importa? Eu contratei você para um trabalho. Você fez o trabalho. O que faço não é mais da sua conta.

Ela está certa.

Se algum outro cliente que fiz desaparecer se materializasse na minha frente, eu diria que custaria o triplo fazê-lo desaparecer uma segunda vez. Mas o que quer que aconteça com eles nesse meio tempo não é problema meu.

Exceto que Molly não é como os outros clientes que eu tive. Principalmente porque a fodi completamente antes de lhe dar uma identidade totalmente nova. Então, ela desapareceu... exatamente como deveria.

E isso me enfureceu.

Agora, ela me encara como um coelhinho preso em uma armadilha, gritando para ser libertado.

Ela escapou de mim uma vez e eu deixei.

Não vou permitir uma segunda vez.

W
H
E
R
E
S

M
O
L
L
Y

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Where's Molly H. D. Carlton Alt" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).